

CHAVES (Cimo de Vila de Castanheira)

Cimo de Vila de Castanheira, ou Cimo de Vila ou ainda Castanheira, é uma freguesia do concelho de Chaves, distrito de Vila Real. A igreja de São João Batista dista cerca de 23 km da sede de concelho. Sair de Chaves pela avenida Dr. Mário Soares e rua do Rajado em direção à estrada N103. Percorrer cerca de 14 km e depois virar à esquerda para a estrada M502; 6 km à frente virar à direita para a estrada CM1064 e cerca de 3 km depois virar à esquerda para a igreja românica.

A implantação da igreja de São João é rural, isolada e numa zona montanhosa, rodeada de campos de cultivo. Edificada num desfiladeiro natural, a igreja encontra-se altaneira sobre a planície transmontana que, a seus pés, se abre num grande vale agrícola.

A localidade de Cimo de Vila de Castanheira é referida num documento datado de 1029, onde se pode ler *kastanaria*. Em 1258, a paróquia fazia parte do julgado de Rio Livre. Nesta freguesia localiza-se o castelo do Mau Vizinho, um castelo roqueiro medieval, junto a um meandro do rio Mousse, num penhasco quase inacessível. Nos terrenos envolventes da igreja de São João Batista localizaram-se fragmentos de cerâmica medieval.

Esta freguesia fez parte do concelho de Monforte de Rio Livre até à sua extinção em 1853, passando então a integrar o município de Chaves. A paróquia pertence ao arceprelado de Chaves e à diocese de Vila Real desde a criação desta em 1922.

Igreja de São João Batista

A EDIFICAÇÃO DA IGREJA de São João Batista de Cimo de Vila de Castanheira terá sido iniciada no século XIII, prolongando-se pela centúria seguinte.

A igreja de São João da Castanheira era sede de uma das seis paróquias que, em 1258, faziam parte do julgado de Rio Livre. Fernando Rodrigues, prelado da igreja, e um dos inquiridos durante as Inquirições Gerais de 1258, afirma desconhecer se o rei era patrono da igreja, mas toda a vila era foreira do rei.

Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino ordenado por D. Dinis em 1320, com vista a angariar fundos para a Cruzada, a igreja de Castanheira, na Terra de Frieira, foi taxada em 650 libras, o valor mais elevado no contexto desta terra, o que demonstra tratar-se de uma igreja com bastantes proventos.

São João da Castanheira foi reitoria e comenda da Ordem de Cristo. Segundo o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo* (1563), era uma das comendas novas das 50 do padroado régio, o seu comendador era Frei Francisco Botelho e, em 1551, fora avaliada em 360 000 reais.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, o orago da igreja era São João Batista e a mesma tinha três altares. O cura da freguesia era apresentado pelo reitor de Sanfins,

anexo ao padroado da Companhia de Jesus do Colégio de Coimbra. Era reitoria e comenda dos Condes de Valadares e os donatários eram os Condes de Atouguia. Pertencia então ao bispado de Miranda. A 4 de julho de 1774 esta igreja transitou para a Universidade de Coimbra, no âmbito da incorporação dos bens da extinta Companhia de Jesus no seu património. Entre 1835 e 1848 desenrola-se o processo de transição dos bens da Universidade de Coimbra para o Estado, apenas ficando esta com aqueles que, em Coimbra, fossem estritamente necessários para o seu funcionamento. Assim, São João Baptista de Cimo de Vila de Castanheira torna-se um bem público através da alteração do seu estatuto jurídico. Daqui decorre um período de silêncio documental que poderá coincidir com algum comprometimento da fábrica da igreja. Tanto o é que em 1984 se registou uma derrocada da cobertura da nave e das cornijas dos alçados laterais. Ficou, assim, a nave da igreja exposta às intempéries até à sua recuperação em 1992, o que não invalidou a alienação de vários elementos decorativos.

Orientada, a igreja de São João Batista desenvolve-se em planta longitudinal composta por nave e capela-mor, ambas retangulares. Edificadas em aparelho pseudo-isódomo, têm cobertura de duas águas. A sacristia adossa-se



Perspetiva geral da igreja. Alçado oeste e torre isenta



Perspetiva geral da igreja. Alçados este e sul e torre



*Alçado sul da
cabeceira. Cachorros*

à cabeceira a norte, alinhando-se com o seu alçado este. Com configuração retangular, tem telhado de uma água. Próximo desta e quase alinhando com a fachada este, ergue-se uma pequena torre quadrangular. Com telhado de quatro águas, foi edificada em aparelho mais irregular que o da igreja. Acede-se ao interior por porta situada no lado sul, a um nível elevado. Esta torre encerra o espaço cemiterial que, murado, confina com o alçado norte da igreja. Acede-se-lhe a oeste, através de vão que se abre perto da fachada oeste da igreja. A fachada este da igreja é cega, rematando em empena triangular.

O alçado sul da abside rasga-se com janelão retangular com suas grades. Persistem pequenos cachorros a sustentar a cornija. Idênticos aos do alçado norte, mostram um curioso conjunto de pequenas caras, algumas delas de sabor fantástico. A cornija que sustentam é muito estreita. Os cachorros da nave apresentam dimensão semelhante, sendo alguns deles lisos e de feitura recente, seguramente resultantes da intervenção realizada no início da década de 1990. O alçado da nave é rasgado por janelão idêntico ao da cabeceira e por portal inscrito na espessura do muro. É estreito e definido por largas aduelas.

A fachada oeste da igreja não apresenta grande elevação. Rematada em empena triangular sobrepujada por

uma cruz de pedra, é rasgada por um portal extremamente simples. Este apresenta um arco de volta perfeita, formado por aduelas bem esquadriadas e de grande dimensão, que assentam em duas impostas retangulares, sem qualquer ornamentação. Sobre o portal, além de um muito pequeno óculo, vemos a meia altura da fachada três modilhões que confirmam ter existido em tempos uma estrutura alpen-drada.

Tal como no exterior, o interior da igreja mostra-se contido. Os paramentos mostram granito aparente, apesar da persistência de vestígios de pintura mural que resultou de uma campanha quinhentista que terá alterado de forma significativa o arranjo do espaço interior. A parede testeira da abside é cega e os alçados laterais apenas são ritmados pela presença das janelas retangulares. Foi no arco triunfal que mais se investiu ao nível decorativo. Contudo, a sua configuração confirma o caráter tardio da fábrica desta igreja. O arco de volta perfeita que o enforma tem uma significativa amplitude e como não tem colunas, as impostas assentam sobre os pés direitos do muro. As aduelas apresentam decoração composta ora por palmetas, ora por rosetas ou cruces. Uma moldura encordoada remata-o no ângulo interno e as impostas são decoradas com folhagens no lado do Evangelho e com representações



Interior. Perspetiva da nave e abside a partir do lado ocidental



Arco triunfal. Pormenor

antropomórficas no lado da Epístola. No intradorso da primeira aduela do lado da Epístola vemos uma outra representação antropomórfica. Esta é extremamente curiosa e mostra-nos uma figura humana segurando uma roca. Note-se a desproporção patente na figuração humana e no carácter algo ingénuo da figuração.

Os alçados da nave são praticamente cegos, afirmando-se o aparelho em granito. De relevar o arcosólio de volta perfeito rasgado no muro do lado do Evangelho, junto da base pétrea do púlpito, já concebido na época moderna, a que se acede por escada também de pedra.

É na parede testeira da nave, que ladeia o arco triunfal, que encontramos um importante conjunto de pintura mural, apesar do seu frágil estado de conservação.

Este edifício caracteriza-se pelo seu românico muito tardio, tendo sido edificado em finais do século XIII ou já no século XIV. Diante da inexistência de informações documentais ou epigráficas relativas à fundação desta igreja, apenas podemos conjecturar quanto à sua cronologia, com base nos seus elementos arquitetónicos e ornamentais. O arranjo dos portais oeste e norte, bem como a grande amplitude e configuração do arco triunfal concorrem para confirmar com alguma segurança que a igreja de São João Batista de Cimo de Vila de Castanheira terá sido edificada numa cronologia avançada. De facto, há um conjunto

significativo de edifícios genericamente semelhantes a este por toda a geografia do românico português, de sabor evidentemente rural e que, tendo em conta a sua cronologia tardia, suscitam por vezes alguns debates no que toca à sua classificação estilística, que oscila entre o românico de resistência e o gótico rural. O isolamento de muitas das localidades onde se identifica este tipo de edifícios justifica o seu carácter acentuadamente rural ou, mesmo, popular, fruto de uma construção que não exigiu avultados meios financeiros.

A campanha de restauros a que a igreja foi submetida a partir da década de 1990 devolveu dignidade ao templo e conferiu-lhe o aspeto que ostenta atualmente. Em 1993, a igreja de São João Batista de Cimo de Vila de Castanheira foi decretada Monumento Nacional.

Texto: MLB/JL - Fotos: MLB

Bibliografia

AFONSO, L.U., 2009, II, pp. 226-231; ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 112; BOISSELLIER, S., 2012, p. 159; CEPB, 1935-60, VI, p. 782; LENCART, J., 2018, p. 445; MEM. PAROQ. 1758 (2006), pp. 217-219; PMH, INQ., p. 1348 (de 1258); SIPA; TEIXEIRA, R., 1996, pp. 56-57.